

MOVIMENTOS SOCIAIS



O ano de 2018 não foi fácil. Mas foi um ano de muita luta dos movimentos sociais que apontou para um novo caminho no campo democrático e popular do Brasil.

Mobilização e resistência em 2018

Desde o golpe de 2016, a maior parte dos movimentos sociais do Brasil se encontrou com uma necessária mudança de seu eixo estratégico principal. A oportunidade de diálogo e representatividade social apresentada pelos governos petistas dava aos movimentos sociais a oportunidade de uma construção estratégica de concertação e até mesmo de ações conjuntas, no que se chama por parceria social.

Assim, por exemplo, o MST constituía importantes frentes de atuação na defesa de uma reforma agrária com criação de oportunidades produtivas no campo, com participação do Movimento no Pronaf e na própria política agrária; a CUT participava de diversos espaços de governo que tratavam dos direitos dos trabalhadores, do desenvolvimento nacional, e o MTST participou ativamente do Programa Minha Casa Minha Vida Entidades, que proporcionou a construção de moradias a milhões de pessoas.

Esses elementos de parceria social constituíram uma importante etapa para boa parte dos movimentos sociais brasileiros. No entanto, com o golpe de 2016, o eixo principal da ação passou a ser o da mobilização e combate à redução de direitos no campo e na cidade. 2018

foi o ano que sacramentou essa estratégia que, ao que tudo indica, será permanente no próximo período.

O ano mal havia começado e a frente antidemocrática que se instalou no Brasil já havia condenado Lula de forma injusta e absurda. A seção de movimentos sociais, à época, dizia: “O início de 2018 reafirmou o que todo o ano de 2017 já demonstrou: Lula é o maior agente de mobilização social do Brasil. Nos dias que antecederam o julgamento de exceção do ex-presidente, e no dia em que o absurdo golpista se confirmou, o Brasil assistiu uma verdadeira onda (tanto nas redes sociais quanto nas ruas) de reação popular muito clara: eleição sem Lula é fraude.”

A condenação de Lula logo no começo do ano deu o tom do que marcou a trajetória da sociedade brasileira em 2018: o aprofundamento de um discurso autoritário e persecutório ao PT e aos movimentos sociais, que em momento nenhum durante o ano deixaram de combater as “forças ocultas” que acabaram por vencer as eleições em novembro.

O boletim de março tratou das diferentes formas de repressão que se instalaram em 2018. Era apenas o terceiro mês do ano e já havia a vigência da Reforma Trabalhista, que atacou frontalmente o movimento

sindical brasileiro, a repressão violenta à manifestações e o brutal crime de ódio cometido contra Marielle Franco e Anderson Pedro. O boletim, à época, afirmou: “Marielle foi assassinada nas suas representações políticas, como vereadora, militante dos direitos humanos e denunciadora das violências diárias dessa ditadura. Esse ato aponta para uma gravidade da situação atual da democracia brasileira. Trata-se de uma ruptura generalizada que simplesmente cancela o pacto constitucional firmado pelo Brasil em 1988”.

Em abril, a prisão de Lula foi mais um passo desse combate ao povo brasileiro e, portanto, aos movimentos sociais. Naquela ocasião, o boletim afirmou: “Lula falou ao vivo para o Brasil, em pleno sábado de manhã. Foi assistido por milhões de pessoas e construiu a narrativa de sua apresentação às forças anti-democráticas por suas próprias palavras. Ali não havia nenhum tipo de resignação ou culpa. Tratava-se de um líder popular que se apresentava a um poder reacionário e violento. Jamais na história do Brasil um homem prestes a ser preso foi capaz de contar a sua verdade dessa forma.”

Por isso, abril foi o mês que marcou o início da vigília Lula Livre, em Curitiba, que chega a inacreditáveis oito meses ininterruptos de mobilização constante, em que não houve um dia sequer em que o presidente Lula deixou de ouvir o tradicional “Bom dia”.

Por outro lado, o silêncio das massas era uma preocupação. Havia um claro distanciamento do grande público com relação aos absurdos perpetrados contra o povo nesse ano. Sinal, causa ou consequência, a eleição de Bolsonaro possui total relação com esse silêncio.

Em maio de 2018 os movimentos sociais, por diversas formas diferentes, iniciaram discussões acerca de projetos para o Brasil, cuja centralidade passava pela libertação de Lula e por sua candidatura que, naquela altura, já liderava as pesquisas de forma contundente. Naquele momento, havia a construção do “Brasil que o Povo Quer”, pelo PT e pela Fundação Perseu Abramo, o Projeto Brasil Popular, pela Frente Brasil Popular, o MST havia lançado carta em apoio à candidatura de Lula, o Projeto BRCidades, e a construção da importante candidatura do líder do MTST, Guilherme

Boulos, à Presidência, pelo Psol, num processo que denunciou fortemente a injustiça cometida contra Lula e contra o povo brasileiro.

A essa altura, já se apresentava uma consolidação de que, para os movimentos sociais, o restabelecimento da justiça para Lula era central ao povo brasileiro, especialmente por conta do enorme potencial danoso de uma iminente, à época, inviabilização da candidatura de Lula.

Lula foi corajosamente registrado candidato a presidente da República em agosto desse ano, num ato marcado pela presença maciça dos movimentos sociais, com milhares de pessoas que gritavam “Lula Livre, Lula Inocente, Lula Presidente”. No contexto judicial, não houve nenhuma mudança que restabelecesse a verdade e a Justiça, no contexto da mobilização dos movimentos sociais, não houve nenhum arrefecimento. A grande massa seguiu silenciosa, e o que se viu dali em diante foi uma severa decisão do povo que elegeu Jair Bolsonaro.

Em setembro, Fernando Haddad assumiu a missão dada por Lula. Em menos de um mês como candidato de Lula e apoiado pela maioria dos movimentos sociais, recebeu no começo de outubro contundentes 30% dos votos, mais do que o dobro de Ciro Gomes, o terceiro colocado.

O resultado do segundo turno é sabido. Mas o próximo período ainda é incerto. Nas palavras de Fernando Haddad: “não tenham medo, nós estaremos aqui. Nós estamos juntos. Nós estaremos de mãos dadas com vocês. Nós abraçaremos a causa de vocês. Contem conosco. Coragem, a vida é feita de coragem. Viva o Brasil!”

O momento dos movimentos sociais é de reflexão e planejamento. São incontáveis as frentes de resistência possíveis e que já se formam. Mas o desafio já não pode mais ser contado em meses ou em eventos. A representatividade, o contato com as bases e a sensação de pertencimento das pessoas às instituições democráticas, aos movimentos sociais tradicionais precisarão ser o centro do próximo processo.

O ano de 2018 não foi fácil. Mas há vida após a vitória de Bolsonaro, e os movimentos sociais provarão isso.